

PRESENÇA DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO - POSSÍVEL E NECESSÁRIA?

Cezar Luís Seibt¹

Resumo: Pretendemos mostrar a importância da filosofia no processo de formação do ser humano, seja ele sistemático na escola ou espontâneo no cotidiano. Sugerimos que nosso ambiente cultural privilegia as respostas em detrimento das dúvidas. Com isso, limita a capacidade de reflexão, de pensamento, de autonomia e de autoria pessoal. Uma educação que instigue a investigação, para além dos cânones e limites das instituições controladoras do conhecimento, é ela mesma filosófica e potencializadora de seres humanos criativos e pensadores.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Ensino. Pesquisa.

PRESENCE OF PHILOSOPHY IN EDUCATION - POSSIBLE AND NECESSARY?

Abstract: We intend to show the importance of philosophy in the formation of the human being, whether it be systematic in school or spontaneously in everyday life. We suggest that our cultural environment favors the answers instead the questions. Thus, limits the ability of reflection, of thought, autonomy and personal authorship. An education that instigates the investigation, in addition to the canons of the controlling institutions and limits of knowledge, is itself philosophical and potentiating human and creative thinkers.

Keywords: Philosophy. Education. Teach. Research.

O sentido, a utilidade e importância da filosofia estão, sem dúvida, entre as questões colocadas com frequência para os que a ela se dedicam. Pergunta-se: há lugar, num mundo em que a tecnologia e a ciência avançam de forma espantosa, para perguntas para as quais não encontramos respostas objetivas? A filosofia tem alguma contribuição para nossa vida hoje, quando nossas esperanças repousam cada vez mais num progresso que promete resolver gradativamente nossas dores e sofrimentos? E, ainda mais, como a filosofia irá ajudar a percorrer o itinerário

1 Docente da Faculdade de Educação da UFPA/Cametá e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Atua na área de Filosofia e Educação, Antropologia e Educação.

do homem e da mulher bem sucedidos (vestibular, ascensão financeira, família, conforto,...)? O que ainda resta para a filosofia, essa atividade milenar que busca compreensões abrangentes e fundamentais, relacionadas ao sentido do mundo, das coisas e do próprio ser humano?

Poderíamos, diante dos avanços científicos e técnicos da modernidade, deixar para ela a tarefa de fundamentar e justificar o sucesso que as ciências empírico-matemáticas alcançaram e alcançam. Foi a opção de muitos filósofos desde o século XIX. Mas isso, de certa forma, já ocorreu na Idade Média, quando a filosofia restou a reflexão racional sobre as verdades reveladas da fé. Restaria então para a filosofia hoje a mesma tarefa em relação às verdades resultantes da metodologia científica. Afinal, a filosofia teria sido superada na medida em que seus problemas seriam ilusões metafísicas e não lhe restaria outro papel a não ser acomodar-se à situação atual do conhecimento controlado, previsível, exato e objetivo.

Defender a filosofia parece ser, neste contexto, uma atitude despropositada. Inclusive, em muitos contextos, quem se dedica à filosofia tem cultivado o sentimento de estar ocupado com algo de menor importância. Além disso, estamos imersos em uma atmosfera de compreensões em que o espaço para aquilo que não é 'científico' ficou bastante limitado. O que importa são resultados, soluções para os problemas e não mais problemas.

Arriscamo-nos, apesar disso, a continuar a afirmar a importância desta área do conhecimento, mesmo que nossas razões não sejam suficientes para convencer alguém a estudar filosofia ou se importar com ela. Por que razão achamos que ela continua importante? Ela tem algo a contribuir e qual é essa contribuição?

Constatamos facilmente que avançamos muito em termos de bem-estar material e, no entanto, nosso nível de sofrimento humano se manteve e, quem sabe, até aumentou. Parafraseando Heidegger, podemos dizer que nunca tivemos tantas informações, tantos conhecimentos acumulados em todas as áreas, mas talvez também nunca tivemos tanta dificuldade em saber o que queremos, que destino estamos construindo, que sentido tem isso tudo que sabemos. Nossos conhecimentos são redutos especializados, desvinculados do seu contexto, resultantes de estratégias poderosas de controle da realidade, e que produzem um domínio fantástico sobre as coisas e avanços fabulosos em termos tecnológicos.

Podemos dizer que o desenvolvimento que alcançamos nos proporcionou muitos conhecimentos, mas não responde às questões fundamentais para uma existência satisfatória, tais como: qual o sentido da vida, o que é a verdade, a transcendência, o que se pode ou deve fazer, o que é o ser humano, a finitude, além de outras. Aliás, o modelo hegemônico da ciência expulsa, por definição, a possibilidade dessas questões. Mas essa expulsão não impede que elas continuem nos atormentando. O fato de talvez não serem científicas, no sentido de ciência positiva, não implica que essas questões também tenham perdido urgência e importância para a vida humana. Além do mais, os princípios que fundamentam as escolhas feitas pela ciência carecem, eles mesmos, de fundamento último. Poderíamos inclusive perguntar se sabemos o que é ciência, qual seu fundamento e aí, provavelmente, nos encontraríamos numa aporia de difícil saída. Não há nisso

nenhum desmerecimento dos avanços que o modelo de ciência positiva conquistou nos últimos séculos, somente a sugestão de que a ciência é um recorte possível da realidade, o nosso destino em uma determinada época.

Precisamos de certezas, respostas objetivas, dizemos. Mas a custo de que conseguimos a certeza e objetividade? Será uma deficiência da filosofia e de outras ciências do espírito (ou humanas) a sua dificuldade em dar respostas objetivas e finais? Ou será que somos de tal forma que esse propósito é inatingível e de alguma forma fazemos de conta quando assumimos verdades finais? Talvez a filosofia continue sendo um alerta para que olhemos com coragem para as condições efetivas da nossa existência humana no mundo, para os limites e possibilidades dos nossos empreendimentos teóricos e práticos.

Com essas constatações, já estamos adentrando no terreno filosófico. Mas nosso intuito não é responder esses problemas, mas mostrar a importância que eles têm para o nosso existir. Nesta preocupação nos deixaremos inspirar por alguns aspectos do pensamento do filósofo Martin Heidegger, sobretudo pela obra *Ser e Tempo* (1998).

Nesta obra, Heidegger mostra ser necessária uma revisão da nossa compreensão da própria existência humana, um retorno às condições originais a partir das quais elaboramos nossas explicações. Isso significa: é necessário ‘tomar distância’, ou, conquistar um lugar mais abrangente, amplo, a partir do qual poderemos avaliar, entender e liberar novas possibilidades para o pensamento e também para a própria existência humana. Seria algo como o que fazem os astronautas que, de um lugar distante da terra, conseguem perceber um todo maior no qual o minúsculo planeta que habitamos se insere (e provoca neles uma mudança na compreensão e no sentimento).

Esse é o papel da filosofia: trabalhar no sentido de desconstruir as amarras que nos prendem aos nossos envolvimento com os objetos, com as outras pessoas e, sobretudo com as ideias. Para que isso? Para que seja possível atingir um ponto de vista mais geral, para que nosso pensar não seja determinado, sem que tenhamos consciência disso, pelas coisas com que nos envolvemos cotidianamente, pelo que parece ser absolutamente normal. Para que possamos agir com ideias claras e que nosso pensar não seja determinado cegamente pelo nosso agir: agir como pensamos (saber onde estamos, o que queremos, podemos...) e não pensar como agimos (sermos levados em nossas ações e precisarmos justificar teoricamente esse agir através do pensamento). Para que não sejamos conduzidos inconscientemente no nosso pensamento pelas coisas (objetos) com que lidamos e nos envolvemos. Ao invés disso, que tenhamos um mínimo de autonomia para poder pensar e não sermos pensados pelas coisas que fazemos. Quem expressa muito bem isso é Mendonça, quando diz que “na vida humana, ou vivemos de acordo com o que pensamos, ou acabamos pensando de acordo com o nosso modo de viver” (MENDONÇA, 1991, p. 29). Obviamente que a segunda opção é muito mais cômoda e fácil e é o modo como cotidianamente nos conduzimos. Pensar a própria vida e, portanto, decidir pessoalmente a direção que vamos tomar com as respectivas responsabilidades é muito mais difícil. Aliás, pensar é mais difícil e cansativo e, por

isso, é preferível deixar-se pensar ou conduzir pelo curso normal da vida. Talvez por isso o tema do ‘pensar’ tenha se tornado importante na filosofia do século XX: não pensamos mais, mas calculamos com as possibilidades disponíveis. Neste sentido, a filosofia mantém a vigilância diante da normalidade do cálculo, mantém acesa a luz do pensamento que só pode vir do questionamento. As respostas muitas vezes não pensam mais, tornam-se sagradas. O que faz pensar são as perguntas, as angústias, as incertezas, as dúvidas. Normalmente decidimos historicamente sempre por uma resposta e nos deixamos conduzir por ela durante determinado período, até que ela se mostre limitada e incapaz de resolver os problemas que insistem em se manter fora do controle. É o caso da ciência moderna, uma certa resposta à realidade, que precisa da vigilância do pensamento (do questionamento radical) para não sucumbir aos encantos do controle, previsibilidade e objetificação do mundo, como percebemos no século XX.

No nosso dia-a-dia, pensamos (melhor dizendo, calculamos) com os dados que nossa relação com o mundo oferece, como já dissemos. Assim, nosso trabalho, nossas relações, nossos desejos, nossas ideologias, nossas expectativas, nos fornecem elementos com os quais operamos quando conhecemos, quando nos posicionamos e quando escolhemos. Estamos sempre dentro de um horizonte, de um âmbito produzido por uma resposta, uma teoria, uma explicação do mundo, do homem, do real. Mas normalmente não temos consciência desse horizonte. Estamos imersos numa compreensão, estamos tão envolvidos com as ocupações e lugares que nosso mundo nos oferece, que não percebemos esse mesmo espaço que habitamos. Assim acontece com nossa existência humana, com nossa compreensão das coisas. Heidegger chamará esse ambiente em que estamos imersos no Ocidente de Metafísica. E o fato de sempre estarmos dentro dum ambiente que confere densidade, lugar, valor, sentido a todas as coisas, ele indica com a expressão: ‘já sempre termos uma compreensão do ser (*Sein*)’. É como um programa (mental, existencial, epistemológico) com o qual funcionamos e que, no entanto, não é o único possível e nem é eterno. É um programa historicamente construído, fruto de certas escolhas que foram sendo consolidadas na nossa cultura, na lógica com que operamos a relação e o conhecimento no mundo. Inventamos a nós mesmos e o mundo em que habitamos e depois o tomamos como natural.

Isso lembra o famoso “mito da caverna” de Platão (2000): todos acorrentados e voltados para o fundo da caverna, contemplando as sombras como se elas fossem a própria realidade, espantados e admirados com o espetáculo produzido pelo que se mostra na tela da caverna.

Qual, então, a importância da filosofia? De acordo com o que dissemos, podemos deduzir que ela nos ajuda a tomar distância para ver o lugar em que nos situamos e, dessa forma, permite avaliar com menos parcialidade as situações, os conhecimentos, as informações, as ciências, as tradições. Além disso, torna-se uma atitude em relação à própria vida, que nos revela a responsabilidade de cada qual pelo seu destino e pelo destino da humanidade. Ela incomoda nossa acomodação e comodidade, atormenta a tranquilidade das nossas explicações, os pressupostos que mantém nossas crenças como se fossem absolutas; recorda sempre que somos finitos e nos movimentamos dentro do horizonte da linguagem que carrega o

sentido do que é e do que não é (o acesso ao mundo é linguisticamente mediado...); nos últimos séculos ela nos alertou de que pensamos sempre dicotomicamente em função da herança que recebemos dos gregos e do cristianismo; abre-nos para nós mesmos, para a abertura que tudo possibilita e sustenta; abre para o ser de possibilidade, entre outras coisas assustadoras..., para além do bem e do mal, do verdadeiro e do falso.

Ela representa sempre um risco. A atitude filosófica, por meio deste distanciamento e mergulho na profundidade das coisas, pode nos fazer constatar a finitude, e efemeridade e a fragilidade da nossa existência. Pode nos colocar numa situação em que a objetividade que conhecemos (supomos que seja absoluta) se torne questionável e tenhamos de tomar sobre nossos próprios ombros o nosso existir. Neste sentido, talvez seja melhor, para muitos, permanecer na previsibilidade dos envoltórios cotidianos do que embarcar numa aventura imprevisível e sem porto seguro.

Esse exercício filosófico, ao contrário do que parece, não desmerece toda aquisição cultural da humanidade, mas a valoriza na sua justa medida: ela é produção humana, fruto de um modo de ser no mundo do próprio homem. Retira a aura de naturalidade ou sacralidade das realidades, devolvendo ao homem sua responsabilidade.

Pensar o pensamento. Não somente pensar, mas pensar sobre o que pensamos. Para poder assumir o próprio pensamento e dominá-lo; não ser pensado e dominado por ele. Contra o embrutecimento dos conhecimentos sem o contato com o solo do qual eles surgem. Na direção da emancipação e autoria da própria vida. A reaprendizagem da admiração e do espanto.

Quando nos aproximamos da filosofia não basta aprender os conteúdos, as teorias filosóficas desenvolvidas desde o seu surgimento na Grécia, embora isso seja fundamental e provavelmente o primeiro passo. Esse conhecimento é importante no sentido de ajudar a entender o itinerário percorrido pela nossa sociedade ocidental, para tomar nas mãos e poder libertar-se das determinações das ideias que adotamos ou criticamos, mas das quais não sabemos a origem. O estudo das teorias deve poder munir-nos de uma bagagem teórica e metodológica para que possamos conquistar, aos poucos, nosso próprio espaço de pensamento, a nossa autonomia reflexiva, uma consciência crítica madura e responsável. Conhecer nossas raízes ajuda a dar mais consistência ao nosso discurso e prática.

Luijpen (1973, p. 18) expressa uma compreensão da qual partilhamos quando diz que o homem é chamado a filosofar de modo original e pessoal. Uma vida só chega a ser autenticamente humana quando o homem ‘próprio’ a vive e o mesmo acontece com o filosofar. Só é autêntico o filosofar quando o homem próprio filosofa, quando ele próprio encontra as perguntas e procura respondê-las. Não filosofa quem aprende as perguntas e respostas de um determinado sistema ou autor enquanto essas não forem as perguntas e respostas dele próprio. Sua vida não é mobilizada nesse aprender e, portanto, não há filosofar. Isso que Heidegger (1998, § 35, 36 e 37) mostra com o que chama de falatório. O filosofar passa a ser o simplesmente ‘falado’, como se faz numa tradição, visando mais a fala do que a

compreensão, sem ser uma apropriação original ou expressão pessoal da realidade. Não se distingue o público do próprio, o que Heidegger chama de ambiguidade. Esses encobrimentos produzidos pelo falatório e pela ambiguidade na filosofia poderão ser superados na medida em que o estudo da tradição, dos clássicos, reconduzir ao que é visado nas afirmações, um retorno às coisas elas mesmas, tornando-se de fato ‘minha’ compreensão.

A presença da filosofia na educação é, por isso, fundamental. Ela pode contribuir no sentido de ajudar a “aprender a detectar pressupostos, a reconhecer as funções mais frequentes e mesmo gerais do funcionamento dos discursos, a reconstruir argumentos a partir da leitura, confrontar teses e posições, emitir juízos próprios e fundamentados”, como nota Favaretto. Diz o mesmo autor que isso permite “desatar a potência do pensamento” (in ROCHA, 2008, p. 14). Pode colocar as soluções à procura dos seus problemas, encontrar os problemas da solução. Normalmente buscamos somente a solução dos problemas.

Consideramos que esse papel da filosofia será cumprido na medida em que ela mantiver a vigilância sobre as respostas disponíveis no ‘mercado’ do conhecimento, nos livros, nas convicções das pessoas que participam do processo educativo. Isso se dará quando a pergunta novamente for importante na aprendizagem. Diferente do que acontece com os materiais didáticos, com os processos e métodos de ensino que estão vigentes, que enfatizam a capacidade de reproduzir com fidelidade as respostas já dadas e consolidadas no passado, a pergunta reativa a potência do pensamento. Faz isso permitindo que se reencontrem os problemas que deram origem às respostas que a escola nos faz aprender para sermos ‘bem educados’. As respostas (teorias e verdades) são importantes, mas são resultado de perguntas, de inquietações de um ser humano ou grupo de seres humanos de um determinado tempo histórico. Cai assim a aura de verdade eterna e absoluta daquilo que as autoridades pedagógicas ensinam e que os autores de livros consolidam e disponibilizam na memória da palavra.

Em resumo, aprender filosofia (aprender a filosofar) pode nos ajudar a voltar a pensar, a caminhar mais propriamente e autenticamente, com as próprias pernas pelo mundo, assumindo também as responsabilidades, as consequências do nosso agir. Isso significa uma reaprendizagem da capacidade de busca pessoal, da autoconfiança necessária para refazer os caminhos teóricos (das ‘respostas’) empreendidos por outros, um resgate de si mesmo como autoridade possível (contra as autoridades consolidadas, garantidas pela tradição consolidada). Uma educação que não seja simplesmente uma atividade passiva por parte do aprendiz, mas uma atividade (que vem de ativo) de desconstrução e reconstrução do conhecimento e, inclusive, de questionamento da lógica dominante que garante a hierarquia pedagógica e o controle do processo de ensino e aprendizagem através da instituição da autoridade e do domínio do conhecimento verdadeiro (que sabe versus quem não sabe).

Junto ao que se aprende, dos conteúdos e conhecimentos produzidos no passado, é possível também desenvolver condições para que cada um seja capaz de ser sua própria luz, de decidir livre e responsavelmente seus caminhos, de ser um

descobridor e criador, assim como foram os que no passado descobriram e criaram aquilo que hoje devemos aprender. Uma educação que também seja ‘pesquisa’, autoria, envolvimento existencial, contra a tendência da aprendizagem do passado como autoridade inquestionável. Uma educação que não seja somente um acúmulo ou soma de informações, mas um processo de subtração (não de quantidades, mas de ênfase e autoridade do conhecimento passado), que resulte numa abertura para o acontecimento presente e para a construção do futuro. A filosofia, dentro deste panorama, é ela mesma um processo pedagógico, de abertura, libertação, mergulho na profundidade, de assunção da maioria dos envolvidos na educação, da criação de condições para o desenvolvimento de uma postura reflexiva imbricada com o aprender e ensinar.

REFERÊNCIAS

LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial**. Tradução Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU, 1973.

HEIDEGGER, Martin. **Ser y Tiempo**. 2. ed. Tradução Jorge Eduardo Rivera. Santiago do Chile: Editorial Universitária, S.A., 1998.

MENDONÇA, Eduardo P. **O mundo precisa de filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

PLATÃO. **A República**. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

ROCHA, Ronai P. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.